Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

O CANTO DE CYSNE

POESIAS

DE

MARIA DO CARMO SENE D'ANDRADE

Natural de Silveiras, Provincia de S. Paulo

M.C.S.A.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA CARI

145 RUA THEOPHILO O[illegible]

1880

O
CANTO DE CYSNE

POESIAS

DE

MARIA DO CARMO SENE D'ANDRADE

Natural de Silveiras, Provincia de S. Paulo

RIO DE JANEIRO
DIAS DA SILVA JUNIOR
Typographo-editor
145 Rua Theophilo Ottoni 145
1880

Minha Senhora

QUER V. Ex. um prologo para o seu Canto de Cysne.

Não sou poeta e tenuissimo é o meu prestimo litterario.

Comtudo, facil é satisfazer a V. Ex.

Duas palavras, a meu ver dirão quanto baste.

V. Ex. é um talento modesto.

Nasceu entre as flores silvestres da Bocaina.

Haurio-lhes nos calices mimosos a natureza.

Cresceu á livre aragem desta abençoada zona americana.

E tornou-se poetisa inspirada.

Eis tudo.

Addiciono aqui o que publiquei quando na redacção da *Gazeta de Lorena*, submetteram á minha humilde apreciação a sua primeira e bella poesia—*Queixumes*.

Eu disse então:

« Commetteram-me uma tarefa bem sympa-

thica e bem difficil, a apresentação de uma poetisa.

Sympathica, porque sei o quanto se acata o talento e se aprecia a belleza; difficil, porque não podendo acompanhar a inspirada filha das selvas em seu voejar arrojado, receio ensombrar-lhe o quadro de miragens.

Arrastar-me-hei, porém, ao sopé do Parnaso para admiral-a nos pincaros.

Distenda suas candidas azas na immensidade do espaço, atire-se insonte aos páramos do infinito, ou brilhe deslumbrante no céu do Olympo: hei admiral-a.

Só um talento superior póde arrancar versos como estes á uma intelligencia que começa a desabrochar, sem o cultivo das letras.

A poetisa silveirense é, talvez um genio que vive occulto entre as embalsamadas flores dos campos da Bocaina.

E não é de admirar, pois, que o seu torrão natal é bem fecundo.

A terra ensanguentada pelo 42 ja produziu Vicente Felix—o escriptor popular, e D. Maria da Piedade—a pianista distincta.

Que muito é que venha hoje a novel cultora das musas completar essa trindade de gloriosa nobreza.

Pois bem, produza suas estrophes a dilecta das musas; mas não imite, tão cedo, a rola plangente em seus carmes...

Eleve seu sexo ao cenaculo do heroismo: erga sua fronte radiante de luz, falle ás turbas com

a expressão de uma alma delicada que possue; mas... para que deseja imitar Sapho de Mytelena?

Essa Stael do paganismo sustentou lucta aberta contra as trevas, contra a inveja e calumnias dos egoistas e parvos.

E venceu como Sand e como todas as mulheres sublimes, é verdade.

Pois seja como a rainha da lyra grega.

Mas ao envez de odiar os versos nos loucos anceios .. caminhe! zombando da inveja, desprezando os odios e... vencendo as paixões.

Assim não lhe molhem as azas as frigidas aguas da Leucade, ou não as queimem o fogo ardente dos Phons »!

Minha senhora

Salvo alguns incertos de arte e leves descuidos de fórma, suas inspiradas poesias são todas dignas de ser colleccionadas em um mimoso volume.

Mande-as á imprensa.

O publico hade aprecial-as devidamente.

Auguro-lhe um brilhante successo.

Lorena, 24 de Setembro de 1880.

Olimpia Catão.

O CANTO DE CYSNE

AGONIA

Eu vivo triste por te amar n'um sonho,
Que vem tristonho juncto á mim chorar;
Fataes tormentos desse amor tão puro,
Só meu futuro poderá contar !...

Sem um sorriso, pesarosa em tudo,
Meu pranto mudo consagrei-te só,
Tem dó dest'alma n'um gemido virgem,
Nesta vertigem que reduz a pó!

Troquei os gozos pela magua infinda,
Na quadra linda que o provir fulgura,
A minha estrella, fugitiva errante,
Brilha distante n'uma plaga escura.

A penna amiga que empunhei ditosa,
Eis lamentosa soluçando em dor,
A corda embelle de enluctada lyra,
Tambem suspira, que farei Senhor ? !

Qual sombra etherea vagarei sombria,
Até que um dia no soffrer sem fim ;
Desponte a aurora do viver passado,
E o céu dourado me soletre um—sim !

Mas eu na terra de illusão, sem ouro,
Cruel thesouro que não tem poesia,
Quem compassivo lançará perfumes,
Sobre os queixumes de meu peito um dia ?!

Alguem no mundo, se eu morrer bem cedo,
Nesse segredo que uma noute encobre ;
Indo furtivo visitar a morta,
Dirá : que importa se ella foi tão pobre !...

A' ELLA

A' PEDIDO DE R. M. SENE

Louco de amores adorei-te, ó virgem,
N'uma vertigem de paixão immensa;
Tu, que me destes fugitiva estrella,
Negra procella que matou-me a crença!

Hoje soluça perennal suspiro,
O ebrio vampiro no calor das brazas!
Cysne que em lago de esperança outr'ora
Fitava a aurora farfalhando as azas!..

Em vida errante que o prazer consome,
Gemi teu nome delirante e só!...
Tanta ventura!... que mulher gelada!...
Fada encantada reduziste á pó!!

Anjo divino, celestial, ditoso,
Meu céu formoso, meus fataes thesouros,
Deixa o descrido nas crueis lembranças,
Beijar-te as tranças dos cabellos louros,

Mas se em amar-te criminei minh'alma,
Soffri com calma meu chorar em vão,
Teus risos falsos, teu olhar fingido,
Me tem perdido, se te amei, perdão!!

Eu só te peço, vaporosa ondina,
Visão ferina que encontrei na terra;
Deixa que eu guarde, divinal miragem,
A tua imagem que meu peito encerra.

VI-TE SONHANDO

Vi-te n'um sonho como vê-se um astro,
No oceano vasto, reflectir-se além;
Vi-te qual onda azulada e pura,
Que com brandura expraiar-se vem...

Vi-te qual prisma de uma nuvem bella,
Vesper estrella n'amplidão do céu !...
Vi-te, e no auge d'um fervor tão sancto,
Que entoei-te um canto ao luar sem véu !...

Vi-te tão vario n'um jardim florido,
Como impellido por fagueira aragem ;
Vi-te scismatico esmagando a alfombra,
Na fresca sombra de gentil folhagem...

Vi-te em silencio qual soluça a alma,
Fingindo a palma de enluctada côr ;
Vi-te no Pindo, qual gentil Camena,
Com voz amena, inspirando amor.

Á MINHA MÃE

Deixei os astros de meu céu de amores,
Campos em flores, meu querido lar,
Mãe carinhosa; quem me dèra est'hora,
Com rir de outr'ora tua mão beijar !...

Si fresca briza no vergel divaga,
Minh'alma vaga silenciosa e só,
E a lyra geme, sem ideal, coitada,
Se a vi tombada no mesquinho pó !...

Brilhando em trevas do cruel martyrio,
E's luz do cirio predilecta e sancta,
Por isso viste que em meu peito ardente,
Um ai recente lacrimoso canta !...

Um sentimento que me opprime o seio,
Vou com receio revelar-te então !...
E' puro affecto, suspirar singello,
Sublime anhelo, minha mãe, perdão!

Oh ! vi o triste como vê-se em sonhos,
Anjos tristonhos á descer dos céus !...
Foi nesse instante que fitei furtiva,
A chamma altiva dos olhares seus !...

Eu bem distingo no horisonte escuro,
Pobre futuro desprezar-me a dôr ;
Mas um sorriso da illusão querida,
Me alenta a vida, soletrando—amor.

SCISMA

Laisse, laisse-moi lir dans ta paupuerie,
Ma vie e ton amour.

(LAMARTINE).

Nas diaphanas azas do tepido vento,
Vai meu pensamento, meu pobre scismar,
Ao som dos queixumes perdidos nos ares,
Morrer nos altares de negro pezar !...

Meu sonho de virgem sorri contristado,
No somno agitado que durmo a gemer ;
Se o astro que deu-me calor nesta fronte,
Em outro horisonte distingo a correr...

Reanima-te ò lyra, que eu heide cantando,
Qual vate buscando n'um mundo de amor,
Os mares serenos, as praias dilectas,
Azues borboletas no calix da flor !...

Mas eu não supplico delicias ou gozos,
Sonhares ditosos, jámais heide ter,
Só quero que um riso de sancta brandura,
Derrame doçura no fél do soffrer...

Sou triste, tão triste qual vago gemido,
Debalde nascido distante do lar,
Qual pobre sepulchro que um goivo ou saudade,
Lhe vão por piedade no chão desfolhar!

Quem déra que ao menos singela paixão,
N'algum coração eu fosse inspirar,
Nas horas sombrias que passo arquejante,
Nos varios instantes de meu meditar!...

Jámais! pois na terra quem sou? camponeza,
Que a humilde deveza seu riso primeiro
Legou sem vaidade, bem junto à cascata,
Na sombra da matta, de esguio coqueiro.

DESFALLECIMENTO

Eu me intristeço
Recordando a infancia.
(C. d'Abreu).

Eu me recordo com ancia,
Da doce passada infancia,
Que a desventura levou!
Desconhecia o tormento,
No viver sem pensamento,
Sorrindo aos beijos do vento,
Na florinha que murchou!

Quando me lembro que agora,
Daquella rosada aurora,
Só resta o verbo—carpir!
Murmuro: fataes amores,
Se viestes com teus rigores,
Encher minh'alma de dores,
Deixa-me triste sentir!

Meu affecto de donzella,
Teceu virginea capella,
Nas fibras do coração,
Cujas rosas, sem um canto,
Banharam-se com meu pranto,
Queimaram-se por encanto,
No fogo da ingratidão...

Meu Deus ! se eu fôra poetisa,
Ao ciciar d'essa brisa,
Que ainda a pouco gemeu ;
Ao som da lyra mimosa,
Eu cantaria queixosa,
Uma lembrança saudosa
De Casimiro de Abreu...

Tenho saudades das aves,
Com seus gorgeios suaves,
Brincando em verde campina...
Com a infancia tudo acabou-se,
E meu folguedo finou-se,
Como a estrella que occultou-se,
Da bella Sapho e Corinna...

Só dous lustros eu contava,
Quando de tarde escutava,
Das fontes o murmurio,
Enebriada se a aragem,
Soluçava na ramagem,
Por entre a secca folhagem,
Resequida ao sol do estio...

O' musa dá-me uma harpa,
Embora em chorosa farpa,
Só tenha um grito agoureiro !.
Se me fores predilecta,
Dá-me um genio de poeta,
Que eu serei filha dilecta,
Do Parnaso Brazileiro !...

Vaidade, orgulho, mentira,
Não escutam minha lyra,
Que é despida de ambição ;
Sendo por mim dedilhada,
E' do nobre deslembrada,
Do opulento desprezada,
Nas trevas, na solidão !...

Que importa, gloria, riqueza,
Quando sinto com pureza,
Meu coração palpitando,
Bradar sensivel tão terno :
Eu gozo n'um sonho eterno,
Se fôr a crença do inferno,
Eu serei crente chorando.

O ANJO DA PRAIA

Eu vi uma noite, na praia dormindo,
Um anjo mui lindo, tranquillo a sonhar,
E as ondas serenas, seus louros cabellos,
Longos e bellos ousavam banhar!...

Um manto de espumas ahi se estendia,
Dos mares se erguia espessa neblina,
E a brisa passando entoava seus cantos,
Aos magos encantos da fórma divina...

Mas logo desperto, o anjo sorria,
Na praia se erguia fallando-me então!...
A' luz de seus olhos as trevas radiavam,
E as fibras tocavam de meu coração...

Meu Deus, foram sonhos que breve voaram,
Se as vagas tragaram o meu cherubim;
Sómente conservo no peito um gemido,
Perenne nascido de angustias sem fim.

DEVANEIO

Oh ! se me negas do sorrir bondoso,
O céo ditoso de singello amor,
Deixa que cedo no sepulchro eu gema,
A magua extrema de pungente dôr !...

Depois supplico, minha cinza fria,
Teu pranto um dia vá banhar ardente !..
Pallido lyrio, nesse chão gelado,
Por ti tombado me fará contente...

Quando alta noute, revelar-te o vento,
Fundo tormento que minh'alma passa,
Diz : da ventura que gozaste outr'ora...
Confesso agora, amargurei-lhe a taça...

Sem teus affectos ! n'um viver austero,
Que gozo espero no florir da idade ? !...
Vem meiga parca, do repouso imagem,
Linda miragem me inspirar saudade !...

Qual um phantasma, sob o véo tristonho,
Virei n'um sonho perguntar-te então :
Santas promessas me fizeste um dia...
Ou tu fingias com protesto vão ? !...

Escuta ainda no final pedido,
E'cho perdido desse amor sem fim,
Dá-me esperança, que desprezo a morte,
Bemdigo a sorte deliciosa, oh ! sim !

A lyra ebria

Porque mancebo, só te vejo afflicto,
Sempre contricto, a murmurar : meu Deus!
E quando as vezes dedilhando a lyra,
Porque delira nestes versos teus?

Oh! vem donzella, meu enlevo santo,
Cessar o pranto do infeliz cantor;
Vem fada errante, cherubim deidade,
Dar-me amizade, se me nega amor!...

Se compassiva vens ouvir meus cantos
Por teus encantos ficarei demente;
Então consente que o proscripto, ao menos,
Teus pés pequenos vá beijar contente!..

Visão incrivel, vaporosa ondina,
Fresca bonina do jardim de Deus;
Deixa qu'eu o ebrio com fervor, com ancia,
Recorde a infancia nos folguedos teus!

Rainha altiva da mulher mais bella,
Rosa singella da manhã de Abril;
Nas longas caudas das virginias vestes,
Estou ja prestes a curvar subtil!..

Fataes desejos eu já tive um dia,
Quando te via lá no templo a orar;
Bradei: amigos, um punhal, (que enleio)
Para em teu seio, de paixão cravar!..

Amor não quero se esta vida é triste,
Se só consiste n'um pezar sem fim;
Só te supplico que na hora extrema,
Tambem tu gema, tenha dó de mim...

Vestal divina, vem no meu delirio,
Qual casto cirio me guiar, ó vem;
Quero tranquillo, no extrahir da alma,
Ouvir com calma teu sagrado— Amen.

MELANCOLIA

E' triste o lyrio isolado,
Na vergontêa emmurchecido,
Pelo bafejo mentido
De uma noute folgazã;
E' triste o canto do cysne,
Que em lago turvo e ardente,
Apenas fita indolente,
O céu azul da manhã!

E' triste a mãe carinhosa,
Junto a lage soluçar;
Com pranto afflicto a banhar,
A campa do extincto filho;
Triste se angustiada,
Arranca do coração
Formosa e pura oração
A' luz d'um astro sem brilho!..

E' triste o pio do mocho,
Na cruz do ermo, deserta,
Que a humanidade desperta,
Espalha medo e terror;
Triste o pallido monge,
Envolto em longo sudario,
Ante o martyr do Calvario,
Orar com sancto fervor!..

E' triste do amor primeiro,
Uma lagrima sentida,
Pela face emmagrecida,
Do poeta deslisar ;
Triste a endeixa sublime
Do sabiá terno queixoso,
Por entre o bosque frondoso,
Solitario a voejar !...

Como esta melancolia,
Effigie de meus pezares,
São tristes os meus pensares
No constante delirar ;
Triste o sonhar de anceios,
Do albor de minha vida !...
A lyra muda e descrida,
Senti-lhe um dia estalar !...

E' triste quando o mendigo,
Estende a mirrada mão,
E pede por Deus, um pão
Para a fome saciar...
Mais triste é minha poesia,
Mais copioso o meu pranto,
Quando só desfiro um canto,
Por este campo a vagar !...

Foi já triste a minha infancia,
Negro sempre o meu porvir,
De mim zombando á sorrir,
Mostrou-me escuro caminho,

Dizendo : segue a chorar,
Que uma tristonha illusão
Te chama na solidão,
Das trevas sem um carinho !

Assim sosinha no mundo,
Sem um lêdo pensamento,
Que vá nas azas do vento,
Em roseas nuvens pousar ;
Errante pelas campinas,
Nem colho de lindas veigas,
As flores tenras e meigas,
P'ra minha fronte c'roar !

E posso fugir as maguas,
No tormentoso soffrer ?...
Hei-de de tudo descrer,
Carpindo na desventura ;
Se Deus me tem promettido,
Um gemer illimitado,
E tem meu leito formado
Em medonha sepultura.

A' M. H. E. Sene

E' nesta hora de crueis pezares,
Que meus pensares vão além vagar ;
E' neste instante de fatal delirio,
Que a luz do cirio poderei chorar !...

Minh'alma soffre n'um atroz tormento,
N'um pensamento tão fugaz, avaros
Foram os risos que alentei, bem crentes,
Unida aos entes que me são tão caros !...

Tenho saudade, ó meu Deus, immensa,
Da doce crença que affagou-me outr'ora,
Criada aos gozos d'um viver altivo,
Que fugitivo se esvaece agora !

Uma esperança que adorei contente,
Como um presente que dos céus baixou ;
A mão do tempo no correr tocou-a,
Cruel levou-a, cuja flor murchou !

Como palpita o coração queixoso !..
Elle é saudoso como o exilio meu...
Minha existencia, hontem rosa erguida,
Hoje, abatida, desmaiou, pendeu...

Pobre rouquinha se emmudece a lyra,
Que já suspira no final gemido ;
E' o derradeiro soluçar afflicto,
Ultimo grito d'um sonhar descrido.

NUPCIAS DA MORTE

Unida a lousa taciturna e triste,
Já não existe !..murmurava, quem ?!.
Era um descrido...com fatal cynismo,
Que em fundo abysmo procurava alguem !..

Seu peito igneo, qual vesuvio ou pyra,
Debil suspira, dissimula a dôr ;
Com voz imbelle, mas sonora ainda,
Desfere linda esta canção de amor :

O' flôr mimosa que olvidaste o mundo,
Em treva...immundo no negror que jaz ;
Vim reanimar-te ! gozaremos vida,
Nesta guarida que destingo a paz...

Via-te bella no calor das valsas,
Nas glorias falsas, resumidas : crime !
A' meu despeito, eu velei, perdôa !..
Por essa cr'oa de pudor sublime...

Chimera tudo ! Só me resta agora,
Do amor de outr'ora teu mortal recinto !
Que vejo, o marmore com languor se agita
E minh'alma afflicta desmaiada sinto. .

Ah ! quão ditoso ! hoje alfim te vejo,
Louco desejo que nutria a tanto...
Oh ! quantas vezes nessa tumba occulto,
Derramo a furto meu copioso pranto !..

Por isso deixa que essa mão mirrada,
Esta gelada apertar-te-ha vá,
Quero aquecel-a no calor da vida,
Que a tens perdida, e neste chão não ha !..

Sei que consentes nesta campa fria
Que eu, sombra esguia, sem temor algum,
Te peça ao menos nesta ossada um leito,
Pr'a o meu, e teu peito palpitar como um...

Pois tu te erguestes desses cahos de dores,
Por meus clamores, por me ouvir chorar ;
E' cedo ainda, vai a noute em meio,
Não ha receio, bem podes fallar.

. . . . . .

Mancebo incauto, quem guiou-te ? o inferno !..
Se o asylo eterno vens aqui violar ;
Esquece vaidades, semelhante ao morto,
Como eu, conforto poderá gozar !...

Vês a grinalda ? como tem viçosas,
As brancas rosas a exhalar perfumes,
Sempre orvalhada, mais que antes viva,
Fugio-te esquiva dos fataes ciumes ! !

Adeus, me ausento, teu olhar lascivo,
Tem fogo vivo me incendeia os véos ;
Da morta esquece se não és austero,
E eu te espero na mansão de Deus.

Embalde, ó virgem, pretendeis fugir-me,
Quando expillir-me não podeis jámais!..
No mesmo thálamo acharei comtigo,
Suave abrigo para meus ternos ais...

Meigo despojo, virginal dilecto,
Fingindo affecto se não tens, então
Antes que expulso descarrega o golpe,
Se impuro, ou torpe tu me crês, ó não!..

Pallidas faces, macilento todo,
Meu peito um lodo ja parece ser;
Não tenho phrases... consumou-se tudo,
Tragico e mudo vou aqui morrer.

. . . . . .

Não mais prosigas, teu silencio almejo,
Não te desejo a maldição dos céus;
Faze um esforço, te approxima a lousa,
Serei tua esposa, me permitte Deus.

A D. Ignez de Castro Senne

Não chores, ó mãe sentida,
Se no jardim de tua vida,
Mais uma flôr se murchou;
Não creia ser desventura...
Mas olvide a sepultura,
Onde um anjo de candura,
Seu cadaver occultou!..

Nem mais um pranto de dores,
Derrame por teus amores,
Nesta existencia fugace;
Recorda que despediste,
D'um ente gelado e triste,
Mas não te lembres que viste
A pallidez dessa face...

Saúda, ó mãe carinhosa,
A bella mansão ditosa,
Onde repousa teu filho;
Esquece tanta saudade...
Não sabes que a eternidade
E' sagrada felicidade,
Que é de luz immenso brilho?!

Reanima-te, não lamentes,
A funda magua que sentes,
Na fatal separação!...
Teu filhinho não morreu,
Apenas obedeceu,
Gentil chamado do céu,
Que illudio teu coração...

No firmamento mimoso,
Vês um astro radioso?!
Desse filho de tu'alma,
E' um vestigio innocente!...
Elle divaga contente,
No seio do Omnipotente
Colhendo mystica palma!..

Tambem tu irás um dia,
Além da terra sombria,
Cantar delicia e amor,
Bejando os labios rosados,
De teus filhinhos amados,
Nesses mundos increados,
Nos altares do Senhor.

RESIGNAÇÃO

N'um sonho dourado de ventura,
Minh'alma se embriaga;
Saúda um paraizo de delicias,
Por onde ella divaga!

Nas fibras de meu peito, uma esperança,
Sorri candida e bella;
E o fogo desta fronte quasi extincto,
Derrama a luz singella!

Fulgura no horisonte a minha estrella,
Scentelhas espargindo!..
Se a lyra tem um canto de agonia,
Disfere-o sorrindo!..

No insano luctar de vans chimeras,
N'um delirio febril!
Eu sinto renascer a minha crença,
N'um céu de gozos mil!..

Que importa se as vezes uma lagrima,
Meu seio vem banhar...
Só os pés de uma cruz na solidão,
Meu pranto hade orvalhar!..

Assim admirando a natureza,
Na flôr da juventude;
Levo a vida no seio da humildade,
Que é celica virtude!..

Se em noute solitaria fito a lua,
Em puro firmamento,
Eu sinto em lethargo, arrebatar-me,
Suave pensamento.

Dedicado a poetisa D. Emilia Saldanha

O' gotta mimosa de orvalho divino,
Que envolta n'um hymno já vem derramar,
Na flôr resequida tão santo perfume,
Que a rosa tem ciume no desabrochar !..

Oh, sim poetisa, não sou inspirada,
Se a mente escaldada me ensina vibrar,
Nas cordas da lyra esses ais dissonantes,
Nos loucos instantes que a vou dedilhar !..

A minha esperança brotara, se um dia,
A tua poesia eu pudesse emittar ;
Então scintillava-me o fogo na fronte,
N'um roseo horisonte te havia saudar !

Dilecta das musas ! teu grande talento,
Me arroja um momento n'um mar de ventura !..
Mas, ó não me falles na lyra do olvido,
No canto sentido que dizes—ternura !

Quando eu, minha penna chamava instrumento,
Do longo tormento, de meu meditar,
Nas diaphanas azas a brisa trazia,
Celeste harmonia—teu meigo cantar !..

O céu não attinge o fugaz pensamento...
E' fumo que o vento vai longe espalhar ;
Assim as ideias cercadas de brazas,
De cêra tem azas, e póde voar ? !

Que gloria me espera, cantora ! repito,
Se a estrella em que fito de nuvens coberta,
Me nega um sorriso que alente meu canto,
Um balsamo santo á minh'alma deserta !

Esquece-me a musa ! Quanto é delicado,
No bosque isolado um canto echoar,
Da grande poetisa por Deus dirigida,
Que a lyra dormida me vem despertar !

Desfiro meus carmes n'um timido enleio,
Mas vem de permeio vulcões negrejar ;
O' bella Corinna, são simples queixumes,
Teus doces perfumes os vieram cr'oar.

A FLOR PENDIDA

Murchaste, negou-te a brisa
Passando, um beijo de amor;
Teu calix de nectar puro,
Hoje é taça de amargor,
E nas declinadas petalas
Bem manifestas a dôr...

Resequida, te confundes
Com o solo do jardim;
Já perfumes e matizes
Perdeste em botão assim!..
Infeliz, os teus soluços,
Vem abafar junto a mim...

Desabrochavas sorrindo,
Entre as flores com imperio,
Mas um tufão, cruelmente
De teu reino um cemiterio
Fez!..e do acerbo rigor
Quiz revelar-te o mysterio!..

Fostes um dia cantada,
Pelo poeta divino,
Mas tu na haste mirrada,

Quem ha-de offertar-te um hymno?
Eu, que tambem na agonia,
Lamento o viver ferino...

Pendida, pobre innocente,
Do vendaval ao delirio!
Vem morrer nas selvas minhas,
Somos irmãs do martyrio,
E sobre a minha sepultura,
Serás o mystico cirio.

SE TE AMEI?!

Se te amei !..minha desventura,
Qual noute escura que não tem manhã,
Foi flor tristonha, já ao nascer pendida,
Sempre abatida, nunca foi louçã !..

Se te amei !..vai no chão dos mortos,
Vereis revoltos nesse pó, meus ossos,
Curvo cypreste se agitar sombrio,
Tremente e frio, qual protestos vossos !

Se te amei ! foi prazer que engana...
Foi vida insana que tornou-se abysmo ;
Foi meu sudario virginal nevado,
Do céu baixado com fatal cynismo !

Se te amei ! que mysterio d'alma !
Odiei a palma juvenil querida,
Ideal delicia, idolatrei martyrios
Febres, delirios, a extincção da vida !

Se te amei ! saberás um dia,
Quando já fria sob a tumba eu fôr ;
Quando na campa murmurar maguada :
Triste morada, desditoso amor.

DESCRENÇA

Julguei que os virgens sonhares,
Fossem erectos altares,
Sobre um throno de rubim ;
Que eram ledos, dourados,
Por mil prazeres creados,
Qual por encanto emballados,
Nas azas de um Seraphim !

Mas quantas vezes minh'alma,
Sonhando triste sem calma,
Tomba-lhe um furacão,
De tanto gozo um castello,
Edificado tão bello !
Por um innocente anhelo,
Que reina em meu coração !

Por dita tenho a descrença,
Por gloria uma dôr immensa,
Na vida que não sorri ;
Sou triste até nos folguedos,
A' sombra dos arvoredos,
Debaixo destes rochedos,
Onde arrulha a juruty !...

Descrida em tardes amenas,
Em noutes claras, serenas,
Quando a brisa vem fagueira,
Alentar o gracioso

Cantor meigo e mavioso,
Que descanta melodioso,
No cume da larangeira!...

Quando fito tristemente,
Os raios do sol ardente,
Brilhando em linda manhã,
Parece-me contristada,
A mesma aurora rosada,
Como eu, tambem magoada,
Aquella virgem pagã!...

Quiz reanimar uma lyra,
Bradando: porque suspira,
Porque és assim tristonha?!
Deixe que ao lar paterno,
Eu entôe um canto eterno,
Tranquilla no seio terno
De mãe, estrella risonha!...

Embalde! a harpa delira,
Teus carmes não mais desfira
Assim com medo e temor,
Pobre donzella do olvido
Conclui o poema sentido,
Com teu scismar incendido,
Dos annos inda na flôr.

E' este o triste queixume,
Da florinha sem perfume,
Pendida ao vento adverso,
Sem haste, curva ao martyrio,
Só tendo a lua por cirio,
A' descrever um delirio
Em onda de poeira immerso.

Dedicado a minha Prima D. Ignez de Castro Sene

O' mon Dieu ! faites moi donc
Trouvez dans la pensu un asyle
contre les tourmens du cœu.

(Mme. de Stael)

Não póde a lyra descrida,
Com a penna entorpecida,
Offertar-te uma canção !...
Que importa a fatalidade,
Se n'um riso de amizade,
Manifesto uma saudade,
Minha eterna gratidão !...

Distante da mãe querida,
Junto a ti levei a vida,
Saudoza, mas folgazã !...
Quantas vezes por encantos,
Enxugastes os meus prantos !...
Os teus olhares tão santos,
Para mim, foram de irmã !...

Minh'alma chora, coitada,
Sem esperança, cançada,
N'um sonho desconhecido !...

A minha musa dormente,
A harpa dá-me somente,
Este gemido innocente,
Pobre canto agradecido !...

Acceita por teus desvellos,
Por teus conselhos tão bellos,
Por teus carinhos sagrados ;
Esta lagrima tão pura,
De tua amiga obscura,
Que já não goza a doçura,
De teus divinos cuidados !

Perdão, se um dia me viste,
Meditar pallida e triste,
Em meu nublado porvir ;
Era a lembrança dos lares,
Que me enchia de pezares,
Nesses risonhos logares,
Que deixar hei-de sentir !

Um soluço concentrado,
Fui mitigar a teu lado,
Fitando rosêo horisonte ;
Bem sei, tu foste uma estrella,
Entre a nuvem da procella,
Brilhando meiga singella,
No fogo de minha fronte !

Porém as azas dos ventos,
Levaram-me alguns lamentos,
De saudade maternal,

E eu vim cantar á esmo,
Anceios do peito enfermo
Nas sombras ferteis do ermo,
Visões de um sonho real!

Se eu tivesse um só momento,
De poeta o pensamento !...
Com a miragem fatal,
Eu despertava a agonia,
Desta choupana sombria,
Quando a brisa muda e fria,
Divaga no laranjal...

Um adeus recebe ainda,
Nascido da dor infinda,
De martyrio e de afflição!...
Aquella quadra ditosa,
De esperança côr de rosa,
Occultou-se caprichosa,
Dissipou minha illusão.

Á NOIVA

RECITADA EM O DIA NUPCIAL DA AUTHORA

Esta corôa de nevadas flores,
Que em minha fronte collocou-me os céus ;
E' o emblema do amor sagrado,
Puro, divino que inspirou-me Deus !

Oh! eu me lembro que terei saudades,
Do lar paterno no viver de gozo ;
Porem me exalto, contemplando sempre,
Tão meigo ao lado meu querido esposo !!

Recebam amigas, um adeus perenne,
Que o peito expande n'um ardor febril;
Em outra senda já caminho agora,
Cheia minh'alma de esperanças mil !

Dos sonhos virgens, das visões douradas,
Eu me despeço, bemdizendo a sorte ;
Ideal não tenho, mas conservo a crença,
Votando amores ao gazil consorte!

Mãe extremosa, nessa dextra santa,
Deixa meu labio conchegar-se então ;
Quero beijal-a!... divinaes affectos,
De teus carinhos separar-me vão !...

O véu de noiva virginal e puro,
Eu deposito n'um terrestre altar;
E sobre a terra viverei contente,
Com amizade de quem hei-de amar!...

Irmãs amadas, nem um pranto vertam,
Por mim que á outro já pertenço agora ;
Na vida cumpro meu dever sublime,
Fitando os raios de uma nova aurora !...

A branca veste de mulher do templo,
Fugaz já sinto dormitar além;
Adeus vos digo, pueris venturas,
E Deus responde compassivo : Amem.

UM ADEOS

Adeus sonhos encantados,
Risonhos acalentados,
No regaço maternal !
Deixar-vos eu sinto agora !
Ao fitar lucida aurora,
Que o horisonte já colora,
Eu peço a Deus um fanal !...

Adeus viçosas campinas,
Onde candidas boninas,
Tantas vezes osculei !...
Se hoje tenho o peito afflicto,
Adeus vos digo n'um grito,
E ao bosque favorito,
Não sei quando voltarei !

A flor na relva vivia,
Mas veio o zephiro um dia,
Em cuja haste tocou !
Fui um goivo ignorado,
Que sentio-se apaixonado,
Pelo vento inebriado,
Que nas azas o levou !

Dos regatos de cristaes,
Das sombras dos laranjaes,
Só me resta despedir,
Mas ainda distingo eu lá,
Na moita de gravatá,
Magestoso Sabiá,
Que deixar devo eu sentir !...

Adeus azues borboletas,
Habitantes predilectas,
Do meu Parnazo gentil !
Pela fonte que deslisa,
Inspirai, ó doce brisa,
Como a mim outra poetiza,
No meu grandioso Brazil !

Amiga penna innocente,
Que em minha dextra tremente,
Pousava com lentidão !...
Dorme, dorme com a lyra,
Que nossa musa delira,
E outro affecto suspira,
Em meu pobre coração !

Eu sonhava e tu mentias,
O estro quando dizias :
A illusão jámais tem fim.
Porque vejo com saudade,
O manto da realidade,
Espargir a claridade,
Silencio junto a mim !

Adeus vida fabulosa,
Todavia tão ditosa,
Que a virgem leva no lar !...
Se o tempo com ousadia,
No fogo dessa ardentia,
Queimar o meu berço um dia
Sua cinza irei beijar.

O SACERDOTE

Dedicado ao Revmd. Sr. Conego Antonio de Oliveira Castro

Um canto humilde de mulher afflicta,
Eu vou contrita dedicar-te então :
Se és um anjo que fecunda a vida,
Na aza erguida da feliz missão !

Pastor sublime d'um rebanho errante,
Astro radiante de perenne luz ;
Da mão divina do Senhor eterno,
Surgiste terno sobraçando a cruz !

Ente sagrado de Jesus emblema,
Que em hora extrema nos inspira amor ;
Com voz tão meiga, com olhar tão santo,
Que d'alma o pranto amenisa a dor.

De fronte erguida n'amplidão da terra,
Que graça encerra, que esperança e fé,
Mentor das almas que derrama crença,
De gloria immensa no sepulchro até !

Do moribundo conchegado ao leito,
Teu brando peito de prazer arqueja,
Se a imagem santa de Jesus, o enfermo,
Da vida em termo saluçando beija !

Que fora o mundo sem o som mavioso,
Echo harmonioso que repete além,
Dos teus conselhos no extinguir da vida,
Falla querida no final—Amem.

DESVARIO

Hoje minh'alma n'um atroz tormento,
Ergue um lamento de cruel saudade;
E o peito oppresso, palpitante expira,
Ao som da lyra na fatalidade!

Soluça a aragem perguntando a brisa:
Porque poetisa, definhaes em vão?
E eu respondo, simullando as dores:
Eu sinto amores e suspiro então!

Os céus estendem no azul formoso,
Manto brumoso de enluctada cor;
Negras abelhas que no espaço adejam,
O calix beijam de virginea flor!

Oh! tudo é trevas no sombrio instante,
Em que distante dessa luz na terra,
Eu só murmuro, meu fatal martyrio,
Tu és o cirio que a saudade encerra!

Embalde um riso por meu labio passa,
Se nelle a taça do soffrer chegar,
Eu sinto agora no gozar da vida,
Se a luz querida vai alem brilhar!

Como era breve da delicia o sonho!...
Porque risonho, ó prazer tão ledo,
Tu me roubavas quando assim sorrias,
Por tantos dias, meu ideal, tão cedo...

RECORDAÇÃO

Não pode do passado uma lembrança,
O tempo arrebatar;
Mas os poeticos cantos de minh'alma,
Cessaram de echoar !

Que importa que na fronte ainda a chamma,
Eu veja scintillar:
Se as flores do ideal penderam murchas,
Quem hade-me inspirar?

As vezes cá no peito alguns gemidos,
Me vem entristecer;
E a lyra sem a musa fugitiva,
Eu sinto emmudecer !

O' brisa perfumada e seductora,
Celica do val;
As meigas illusões daquella quadra,
Sumiram-se a final !

As candidas miragens se enluctaram,
O estro adormeceu;
A penna se entorpece de saudades,
Do tempo que morreu!...

Se me lembro do lar, de meus folguedos!...
Fatal recordação !...
Minha vida se enche de agonia,
Se opprime o coração !...

Quando a aragem bafeja meus cabellos
Semelha uma ironia !
De meus olhos rola o triste pranto
Soluço uma agonia !

DELIRIO

A flor mimosa do jardim da vida,
Dorme pendida d'um paúl a margem :
Fugio-lhe a brisa, ja bem longe adeja.
Nem a bafeja perfumosa aragem !

Ao murmurio de queixosa fonte,
Eu ergo a fronte desferindo um ai !
Onde se occulta, minha musa amiga,
Onde se abriga, para onde vai ?

A minha estrella rutillante outr'ora,
Divaga agora com pallor tristonho ;
E o som de um echo silencioso e santo,
Repete um canto do passado sonho !

Tudo é chimera no correr da vida,
Que nunca fida se levou na terra...
E' um cahos o mundo de illusão furtiva,
Onde só viva uma saudade encerra !

Sinto nest'alma differente crença,
Febril immensa no viver fanal ;
Nos céus eu fito seductoras luzes,
Mysticas cruzes da visão real !

Soluça o peito recordando os gozos,
Bellos ditosos que offerece o lar ;
As puericias, infantis folguedos
Entre arvoredos, no gentil scismar.

A' MINHA MÃE

Se nas trevas eu tenho uma esperança,
No fél de minha vida ;
Se minh'alma tem santo linitivo,
E's tu ó mãe querida !

Oh ! se ao menos meu pranto de saudade,
Eu fôra derramar,
No calor de teu seio, eu sentiria,
Tua dextra m'o enxugar !

Quantas vezes eu sonho delirante,
Que durmo em teu regaço,
Illusão ! a força do destino,
Quebrou-nos esse laço !...

O' meu zephiro meigo da floresta,
Que brinca no jardim,
Traz das vozes da mãe idolatrada,
Um echo junto a mim !

Um suspiro pela filha que distante,
Definha de saudade,
Exala minha mãe na solidão,
E eu vejo a realidade !...

Da existencia uma aurora de prazeres,
Eu via despontar ;
Quando os gozos fugaces desta vida,
Tambem vejo findar.

TRISTEZAS

Sou triste como um gemido,
Do marinheiro perdido,
No seio vasto do mar:
Sou triste qual moribundo,
Neste bulicio do mundo,
Quando um suspiro profundo,
Seu peito sente exhalar!

Se melancolica a lua,
Serena pallida e nua,
Divaga com lentidão,
Assim minh'alma saudosa,
Vagando em senda tortuosa,
Só ouve um echo, a chorosa,
Que repete:—solidão!!

Neste silencio tristonho,
Pergunto como n'um sonho,
Florinha quem te murchou?
Responde: fugio-te a aragem,
Que bafejava a folhagem,
A tua branca miragem
Ja tambem se sombreou?

Como passam lentamente,
As horas para o descrente,
Que na tristeza definha,
Assim é longa a saudade,
Quando filha da amizade,
Soffremos na realidade,
Como hoje eu soffro sosinha.

SILENCIO

Guardo triste no silencio de minh'alma,
Um canto de tormento;
E nas cordas d'essa lyra adormecida,
Pezar e desalento!

No sombrio passar da louca brisa,
Escuto mais um ai....
Ja morreste, linda flor das illusões!
Agora murcha e cai!

Do passado puro céu sempre azulado,
Negreja-me o horisonte;
Nem os raios de uma estrella predilecta,
Aquece-me esta fronte!

Entre as brumas do silencio e da saudade
A musa me fugio;
Disse apenas um adeus de despedida,
E ironica sorrio!

Como cysne que n'um lago envenenado,
As azas requeimou:
Assim frigido rio de meu pranto,
A vida me quedou!

Na mudez desta hora mysteriosa,
Vagueia o pensamento:
Envolve-se na nuvem do martyrio,
Attinge e firmamento.

MEDITAÇÃO

Medito triste na vida,
Que levo como esquecida,
No seio da solidão!...
Se eu fitar meus céus agora,
Que já não são como os de outr'ora,
Em vez de lucida aurora,
Contemplarei um vulcão!

Porèm que importa se o mundo,
Não é mais que um cahos profundo,
Onde se occulta a illusão...
Na vereda tortuosa,
E na existencia espinhosa,
Tambem domino queixosa,
Gemidos no coração!

Esse bafejo da aragem;
Que fórma casta miragem,
Nesta mente entorpecida,
Com terna melancolia;
E' o funeral da poesia,
Que arquejante na agonia,
Diz adeus de despedida!...

Chora pois alma abatida,
Que a tua illusão perdida,
Nem um vestigio deixou;
A mão do tempo ardilosa,
Tocou na quadra mimosa...
Eu conservo desditosa,
Saudades que me ficou.

LONGE DO LAR

Ninguem soluços de minh'alma triste,
Pode distante de meu lar ouvir ;
Oh ! quem na vida como mãe soletra,
Ternos carinhos n'esse santo rir ! ..

Hoje que espero, meu ideal sublime,
E' sombra morta que o soffrer tragou ;
Nas cordas roucas da inspirada harpa,
Negro absinthio meu sonhar lançou !...

Já sem affagos de uma irmã querida,
Sem os perfumes de boninas meigas ;
Nem ouço o canto do sabiá da selva,
Não colho flores nas viçosas veigas,

Meu Deus, envia sobre mim alento,
Que inda creança desfalleço á dor,
Lança uma gotta do divino orvalho,
No calix murcho a tristonha flor !...

Não bate as azas pobre cysne errante,
Que em turvas aguas seu alvor manchou ;
Tambem eu triste não empunho a penna,
Que a desventura no rigor quebrou !...

Oh ! mãe querida para que tão cedo,
O lar comtigo resolvi deixar ;
Em teu regaço delirante um dia,
O ideal perdido poderei buscar !...

SEGREDO DO CORAÇÃO

Nem mesmo no canto funerio da lyra,
Que a mente delira, receio dizer,
Fatal pensamento, segredo e mysterio,
Que o meu cemiterio só hade saber !...

A dor mais profunda, cruel agonia,
Em negra ironia, bem vejo chorar ;
Mas tão simulada conservo o segredo,
Sem mesmo ter medo de assim revelar !...

Palpita-me o seio ! que importa o delirio,
No acerbo martyrio que gemo sem luz,
Só peço, na tumba me lancem perfumes,
Que eu digo queixumes á mystica cruz !

A infancia já triste, peior mocidade,
Horror, realidade, sarcasmo, illusão,
Assim reunidos meus gozos negaram,
Segredos formaram de meu coração !..

Mas tudo na terra limita-se um dia,
Na senda sombria de poetica paz ;
Levanta-se a fronte de outr'ora cançada,
Bem longe encantada da vida fallaz !.

DESPEDIDA

A pedido de minha amiga Adelaide Lemos

A ave triste exylada,
As azas bate apressada,
Nas primicias derradeiras ;
Assim minh'alma se agita,
Quando outro horizonte fita,
Um adeus murmura afflicta,
Aos encantos de Silveiras !

Commigo levo a lembrança,
Desta vida de esperança,
Que, ó meu Deus, não verei mais ;
Levo um grito de saudade,
Daquella santa amizade,
Da doce fraternidade,
Levo a benção de meus pais !

Aqui no peito opprimido,
Se escuto um rouco gemido,
Me sinto desfallecida ;
Ergo o véu de meu porvir,
Contemplo-o, vejo-o sorrir,
Qual rosêo gozo a exprimir,
Mas eu choro á despedida !

Em meu pobre coração,
Guardarei recordação,
Destas risonhas manhãs !
Da lua meiga e tremente,
A' luz da qual innocente,
Eu digo um adeus ardente,
E as queridas irmãs !

Amigas, o meu destino,
As vezes é bem ferino,
N'um ai de separação ;
Mas eu procuro animosa,
Nesta empreza caprichosa,
Uma corôa mimosa,
Nos bafejos da instrução !

Adeus flores de Silveiras,
Frescas sombras das palmeiras,
Campinas onde vaguei ;
Adeus queixumes dos rios,
Coqueiros brandos, esguios,
Adeus zephiros sombrios,
Que jámais esquecerei.

A VIRGEM DA FLORESTA

Era uma tarde formosa,
Linda nuvem côr de rosa,
Nos céus o manto estendeu !...
Tudo, tudo me encantava,
Se a natureza mostrava,
Ao poeta que scismava,
Raro dom que Deus lhe deu !...

Vi bella qual uma fada,
Do rio á margem sentada,
Mulher, feictura gentil,
Parecia uma serrana,
Tão casta como Suzana !...
Meu peito logo se inflamma,
Por essa rosa de Abril !...

Tinha branca assetinada,
Da face a tez delicada,
Que o sol do estio não cresta,
Julguei-a um anjo descido,
D'algum céu desconhecido,
E senti-me confundido,
Pela virgem da floresta !...

Perdido de amor por ella,
Não era simples donzella,
Em minha imaginação ;
De dar-lhe ao menos um beijo,
Eu tive ardente desejo,
Mas timida voz do pejo,
Censurou meu coração !...

Então chegou-me de leve,
Toquei na mãosinha breve,
Porém a virgem corou !...
Erguendo os olhos brilhantes,
Como estrellas fulgurantes,
Eu fitei-os por instantes,
Mas ella a fronte baixou !...

Eu tive pena da virgem,
Nessa ligeira vertigem,
Que enluctou seu coração...
Com esta mente incendida,
Pedio minh'alma sentida,
A' Deusa triste offendida,
O anhelado perdão !...

Depois por ella sómente,
Passei na terra descrente,
Como vive um solitario,
Entre perfumes, fragancia,
Que amor ! amei-a com ancia !.
Mas esse sonho da infancia,
Talhou meu negro sudario !...

Das brancas flores da relva,
Que eu colhia sob a selva,
Côroa linda formava,
E com scentelhas na mente,
Nessa impressão innocente,
Com a grinalda tremente,
A alva fronte lhe ornava !...

Assim meiga, encantadora,
Pela imagem seductora,
Jurei-lhe affecto constante,
E ella quasi sorrindo,
Uma vaidade sentindo,
Dava-me então fugindo,
Lampejos de olhar amante !

Como Adão no paraizo,
Ditoso fez-me o sorriso,
Do anjo que Deus formou !..
Que doce vida eu levava,
Quando esse amor vigorava ;
Cada dia mais amava,
A Eva que me enganou !..

Um dia, na solidão,
Qual Jacob, santa visão,
Eu tive em sonho agitado,
Era um aviso do céu,
Que na escuma do escarcéo,
Surgio do seio de Deus,
Tornou-me desventurado !

Desde então vivo maldito,
Gemendo meu peito um grito,
Que repercute no inferno ;
Enluctada a branca aurora,
Matou-me a crença de outr'ora,
Proscripto me chamo agora
Cumprindo meu fado eterno.

ECHO D'ALMA

Minh'alma inda sonha venturas passadas,
Imagens douradas que soube criar ;
Das sombras lhe surge nevada miragem,
Ao bafo da aragem que a vem despertar !

Um echo perdido de funda agonia,
Revela ardentia do meu coração,
Suspira meu peito de anceios e dores,
E' as mysticas flores desfolham no chão!

Se um dia o futuro sorri-me rosado,
No céu anilado contemplo uma estrella,
Porém uma nuvem ligeira medonha,
Me a traga tristonha qual negra procella !

Assim minhas dores não acham conforto,
Se um tempo já morto não torna a voltar ;
E o echo dest'alma sumindo nos ares,
De acerbos pezares deliram no altar !

Ideal dessa quadra de candidas flores,
Meus sonhos de amores singello trovar,
Tão cedo nas brumas se envolvem da vida,
Que a lyra abatida deixou de cantar...

Parece indizivel o meu soffrimento,
No fundo tormento que o mundo contém,
Mysterio insondavel nest'alma se encerra,
Que eu triste na terra não digo a ninguem !...

Mas eu não suspiro, não gemo a amargura,
Que a sorte mais dura ousou-me legar :
Oh ! nem um lamento nest'hora descrida !...
Feliz é na vida quem póde chorar !!

Os echos dest'alma sentidos tristonhos,
São pallidos sonhos que o tempo levou :
Procuram debalde na mente de outr'ora,
A lucida aurora que o tempo matou.

MANHÃ DE ABRIL

As flores despontam meigas,
Nas alcatifas das veigas,
Debaixo de um céu de anil :
Que importa que minha vida,
Já seja um pouco descrida,
Se a sinto ainda florida,
Em bella manhã de Abril!

As vezes tenho esperança,
Se em vasto mar em bonança,
As ondas ouço gemer :
Acceso um fogo na mente,
Eu conservo eternamente,
E a pobre penna tremente,
Não póde o estro vencer...

Bem sei ! não sou poetiza,
Me diz a tepida brisa,
Nesse rapido passar,
Nem me ufano se escrevendo,
Vou meu martyrio dizendo,
Se trago o peito gemendo,
Com desejos de trovar !...

Crueis anceios me agitam,
Meus seios logo palpitam,
Ao ver a rosa louçã :
Porisso pensem, leitoras,
Que pr'a mim são seductoras,
Serenas encantadoras,
De Abril a rosea manhã.

O SORRISO

Um sorriso nos falla da morte,
Se revela ironia ou desdem :
Mas se vem com caricia, ou transporte,
Oh ! quem ha que o não sinta ? ninguem !

Quantas vezes um riso de mofa,
Nos ensina de tudo descrer :
Quando um meigo, soletra ternura,
Cá no peito nos folga o prazer !

O sorriso é o berço e a tumba,
Que se abrem segundo elles são :
E' o emblema da gloria ou de dor,
E' funeria ou risonha canção !

Eu traduzo tão bem um sorriso,
Como olhares de clara expressão :
Quantas vezes eu sinto por elles,
Vida ou morte no meu coração.

Não creio

Dizem que fitam no florir da vida,
Estrella fida no azul do céu ;
Mas eu procuro-a desde tenra infancia,
Com fé, com ancia, sem a ver, meu Deus !...

Contempla o poeta no gemer da aragem,
Bella miragem seductora e pura,
Porem se a alma no soffrer existe,
Não pode a triste conhecer ventura !...

Então almejo que a tardia morte,
Termine a sorte do cruel penar :
Deixar a terra, bem feliz me atrevo !...
Nada lhe devo, só me fez chorar ...

De vate as glorias eu não tive ao menos,
Nos sons amenos de nocturno vento :
Nem uma brisa me fallou de amores,
Sempre rigores n'um martyrio lento !...

Se eu dedilhava minha pobre lyra,
Logo a mentira profanar-lhe vinha :
E' via murcha no sorrir da idade,
Da mocidade divinal florinha !...

Olvido olvido sobre mim ! meu somno,
E' o abandono que me offerta tudo :
Nem os perfumes de sonhar tão santo,
Me arranca um canto deste peito mudo !...

Assim descrido sem um gozo ou riso,
Levo indeciso meu trovar na vida,
Sem esperança ! so medonha calma,
Me rala a alma que chorou perdida.

NÃO CENSUREM

Nascida por entre a selva,
Meu berço eu tive na relva,
Mui longe da sociedade :
Depois no seio do lar,
Já podendo meditar,
Eu comecei a sonhar,
Com echos de felicidade !...

Então as letras primeiras,
Nas sombras das larangeiras,
Por entre os campos em flor,
Que a floresta perfumava,
Com esperança estudava,
Attenta ao que me ensinava,
Meu primeiro professor !...

Já dous lustros eu contava,
Quando apenas soletrava,
Só meu nome com vagar :
Depois a brisa em odores,
Perfumes suaves das flores,
Do bosque os ternos cantores,
Me vieram despertar !

Quando sorriam quinze annos,
De donzella nos arcanos,
Eu jà tinha algum segredo :
Mas uma noite sombria,
Agitada eu escrevia,
Minha primeira poesia,
Com pejo, as vezes com medo !...

Meus escriptos occultava,
Ao mundo que censurava,
De minha fronte o calor :
Depois sentindo ciumes,
Dos lyrios por seus perfumes,
Lancei meus pobres queixumes,
Da calumnia no rigor !

Algum vate primoroso,
Com seu olhar desdenhoso,
Levou-me a face o rubor ;
Dizendo altivo: acanhada,
Se na roça foi creada,
Não póde ser inspirada,
Seus versos tem outro autor !...

Outros fallavam mofando,
Se me viam contemplando,
Branca rosa que pendeu :
Esta mulher ardiloza,
Vai jà roubar caprichosa,
Alguma quadra formosa,
De Casimiro de Abreu !...

Essa calumnia enluctava,
Minha penna que tombava,
Quando eu julgava escrever :
Quiz deixar a poesia,
E'ra tarde, não podia,
Extinguir minha ardentia,
Não pude o estro vencer !...

A' luz da publicidade,
Eu tive a temeridade,
De dar um producto meu,
Nascido na primavera !...
Oh ! bem incauta que eu era...
Disseram : negra chimera !
Esse canto não é seu !

O escarneo tudo consome !...
Já consumia meu nome,
Na voz de grande ferino,
Eu sendo martyr da lyra,
Até hoje inda suspira
Minha harpa que delira,
A' lei do acerbo destino !

Não tenho, caras leitoras,
Essas trovas seductoras,
Nem de poeta o pensamento :
Porem não temo a censura,
Se com humilde brandura,
Vos expuz a desventura,
Do meu pobre nascimento !...

Não passa alem de um quixume,
Este pequeno volume,
De cysne, canto mortuario !...
Foi a magoa da agonia,
Que inspirou-me na poesia,
Por entre a matta sombria,
Atravez de meu sudario !...

O meu poema é singello,
Não póde mesmo ser bello,
De inculta mente a nascer :
E' bonina do rochedo,
Que vejetava em segredo,
Mas se o sol lhe infunde medo,
Desabrocha quasi a morrer !...

Censuram porque mereço,
Se meus erros não conheço,
Amando lindas poesias,
Saúdo uma lyra bella,
Como a do extincto Varella !...
Ser assim minh'alma anhela !
O grande Gonçalves Dias !...

Eu canto sómente as flores,
Seus perfumes, puras cores,
Como as tem o céu de Italia :
Amo as idéas fogosas,
Me prendem lyras maviosas,
E as sublimes nebulosas,
De nossa Narcisa Amalia !...

Vou cheia de acatamento,
Neste ultimo momento,
Mais um perdão supplicar,
Por este livro isolado,
Que já vos tenho contado ;
E' poema malfadado,
De quem não sabe rimar.

19013